



**CESNORS**

Centro de Educação Superior Norte – RS

## **TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Superior Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
15 de outubro a 20 de outubro de 2012**

# **JORNALISMO E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: DIAGNÓSTICO DA COLABORAÇÃO ENTRE O PROJETO ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO VOLTADA PARA ORGANIZAÇÕES DE DIREITOS DOS ANIMAIS EM FREDERICO WESTPHALEN E A ASSOCIAÇÃO MELHORES AMIGOS DOS ANIMAIS (AMAA)**

**Gabriele Ramos Arcy**

Artigo científico apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo como requisito para aprovação na Disciplina de TCC I, sob orientação da Prof. Janaína Gomes e avaliação dos seguintes docentes:

---

Prof. Janaína Gomes

Universidade Federal de Santa Maria/CESNORS  
Orientador

---

Prof. Carlos André Echenique Dominguez

Universidade Federal de Santa Maria/CESNORS

---

Prof. Andrea Franciele Weber

Universidade Federal de Santa Maria/CESNORS

---

Prof. Caroline Casali

Universidade Federal de Santa Maria/CESNORS  
(Suplente)

Frederico Westphalen, 08 de outubro de 2012

## **Jornalismo e Extensão universitária: diagnóstico da colaboração entre o projeto Assessoria de Comunicação voltada para Organizações de Direitos dos Animais em Frederico Westphalen e a Associação Melhores Amigos dos Animais (AMAA)**

### **RESUMO**

Este artigo pretende fazer um diagnóstico sobre a colaboração entre projeto de extensão Assessoria de Comunicação voltada para Organizações de Direitos dos Animais em Frederico Westphalen e a Associação Melhores Amigos dos Animais (AMAA). Para desenvolver a pesquisa, foi realizado um estudo de caso. Na pesquisa bibliográfica pretendeu-se resgatar o histórico do ensino superior no Brasil, com ênfase na evolução do conceito de extensão universitária e sua inserção no ensino de jornalismo. Como principais resultados estão o aumento dos serviços prestados pela ONG e sua visibilidade nos jornais impressos locais. Também observou-se que o conceito de extensão ainda está incipiente, mas podem ser percebidas ações no âmbito da extensão universitária como prestação de serviços, bem como de transformação e de promoção da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo, Extensão Universitária, Universidade, Assessoria de Comunicação, ONG.

### **1 INTRODUÇÃO**

As instituições de ensino superior no Brasil sofreram modificações de diferentes ordens (OLIVEIRA, 2000; OLIVEN, 2002; ROTHEN, 2008; SCHWARTZMAN, 2001). Tais mudanças são visíveis, principalmente, nos campos de ensino, pesquisa e extensão (FREIRE, 1983; GURGEL, 1986; JENIZE, 2004; NETO, 2002; ROCHA, 1980; SOUSA, 2000). Na esfera educacional, possibilitaram o envolvimento com a sociedade de forma mais ampla a partir da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão universitária e da inserção do terceiro setor e Organizações Não Governamentais (ONG's) educativas (WANDERLEY, 2002). Essas parcerias têm significado um caminho próspero no intuito de reforçar a integração entre teoria e prática no processo de aprendizagem dos acadêmicos, professores e da sociedade como um todo. Nesse contexto, a universidade acabou produzindo conhecimento novo e deflagrou o atendimento das demandas sociais dentro do ambiente acadêmico (WANDERLEY, 2002).

Este trabalho tem como objetivo, a partir da evolução do conceito extensão universitária, ilustrar de que forma a universidade confere visibilidade aos problemas sociais e, em seu caráter transformador, colabora para a promoção de soluções junto à sociedade. Este é o caso da parceria entre o projeto de extensão universitária Assessoria de comunicação voltada para organizações de direitos dos animais em Frederico Westphalen com a

Associação Melhores Amigos dos Animais (AMAA). A assessoria de imprensa é uma das atividades executadas pelo grupo para promover a visibilidade das ações da ONG na mídia. Portanto, o problema de pesquisa proposto por este trabalho gira em torno das características que constituem o referido projeto de extensão e a inserção da AMAA nos jornais impressos locais com a atuação do grupo de assessoria de imprensa orientado pelo projeto de extensão estudado.

Para atingir os objetivos propostos, este artigo foi dividido em seis itens. O primeiro de caráter introdutório. O segundo abordando uma reflexão histórica e conceitual sobre a construção da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão no Brasil, bem como um aprofundamento teórico sobre o conceito de extensão universitária. O terceiro item apresenta o contexto das Organizações Não Governamentais e da extensão universitária. O quarto item aborda o ensino do Jornalismo neste contexto, bem como o papel da assessoria de imprensa na atividade de jornalismo. O item 5 apresenta os acordos metodológicos que possibilitaram a realização do estudo, e o item 6 os resultados obtidos, seguido das conclusões do trabalho.

## **2 ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS**

As discussões a respeito do ensino superior e da pesquisa no Brasil passaram a ter espaço com a fundação da Academia Brasileira de Ciências, em 1916, como também, mais tarde com a criação, em 1924, da Associação Brasileira de Educação (ABE) (OLIVEN, 2002). Uma das bandeiras da ABE era a criação do Ministério da Educação e Saúde que, mais tarde, foi fundado pelo presidente Getúlio Vargas (SCHWARTZMAN, 2001).

Foi com a Nova República, em 1931, que se aprovou o Estatuto das Universidades Brasileiras, tendo Francisco Campos como primeiro titular. O Estatuto definiu o modelo de universidade a ser adotado no Brasil. Tal documento trabalhou com o formato de uma faculdade voltada a formar professores de ensino secundário. Não contemplava, no entanto, uma universidade voltada às atividades de pesquisa, e a extensão universitária “não apareceu nos conjuntos dos documentos nem como aspiração” (ROTHEN, 2008, p.157).

A grande mudança na inserção da pesquisa dentro do meio acadêmico aconteceu com a criação da Universidade de São Paulo (USP), criada em 1934. A USP reuniu faculdades tradicionais e independentes, além de criar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, composta por professores de outros países, principalmente da Europa. Tal instituição representou um divisor de águas na história do sistema brasileiro de educação superior, tornando-se o maior centro de pesquisa do Brasil (OLIVEN, 2002; SCHWARTZMAN, 2001)

O Estatuto das Universidades Brasileiras foi um dos marcos estruturais de regulação legislativa no Brasil e vigorou até o ano de 1961. Nesse ano, após 14 anos de tramitação no Congresso Nacional, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira nº 4.024. Essa lei possibilitou algumas flexibilidades na educação superior, mas continuou a reforçar o modelo tradicional das instituições de ensino superior brasileiro. Entre outros aspectos, foi mantida a preocupação com somente o ensino, deixando de lado o desenvolvimento da pesquisa.

Nos anos de 1960, mesmo com os regimentos do ensino superior ditando o contrário, jovens professores e alunos universitários criaram campanhas procurando contrapor o projeto elitista herdado do passado, com um novo ensino superior mais nacional e democrático. Nessa época, foi criada a primeira universidade brasileira com estrutura integrada e moderna, a Universidade de Brasília (UNB). Com a transferência da capital do país para Brasília, a UNB seguiu os moldes norte-americanos de ensino e passou a ser uma fundação em busca do desenvolvimento da cultura e da tecnologia do Brasil (OLIVEN, 2002).

Após sete anos da criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, o Congresso Nacional aprovou nova lei para o ensino superior. A Lei nº 5.540/68 da Reforma Universitária trouxe, entre muitas inovações, o vestibular classificatório, a criação de departamentos e cursos de curta duração, o regime de tempo integral, bem como, passou a valorizar mais a titulação dos professores e a produção científica. Dentre essas mudanças, também se consolidou o princípio da indissociabilidade das atividades de ensino e pesquisa, acrescentando-se, mais tarde, a extensão universitária. Assim, “essa Reforma possibilitou a profissionalização dos docentes e criou as condições propícias para o desenvolvimento tanto da pós-graduação como das atividades científicas no país” (OLIVEN, 2002, p.39).

A indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão e a autonomia das universidades foram reafirmadas na Constituição Federal Brasileira de 1988. Outro marco importante para a educação superior foi a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) nº 9.394, promulgada em 1996. As exigências da nova lei, assim como avaliações periódicas das instituições que levaram à institucionalização da pesquisa e também a visão de uma extensão universitária vinculada ao meio acadêmico que tomou por base o ensino e a pesquisa.

Nos dias atuais, o Brasil conta com um sistema de ensino superior e pós-graduação que já é considerado referência entre os países em desenvolvimento. No entanto, segundo Oliveira (2000), ainda pode ser considerado como um sistema de “universidade, portanto, competente do ponto de vista acadêmico, no entanto socialmente restritiva” em outros

aspectos (OLIVEIRA, 2000, p.265). Nesse sentido, coube à extensão universitária a inclusão da sociedade dentro do contexto do ensino e da pesquisa, como veremos a seguir.

## **2.1 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E OS DIFERENTES CONCEITOS NO BRASIL**

A extensão universitária no Brasil surgiu no século XX e assim como o ensino superior em geral, sua origem está ligada à extensão universitária nos Estados Unidos e na Europa. Para os americanos a extensão se apresenta de forma diversificada, e segundo Gurgel (1986, p. 59), é dividida em duas linhas de atuação: “a extensão cooperativa e a extensão universitária”. Essas divisões de extensão, segundo Neto (2002) se justificam pelo desejo de representar as comunidades atendidas, pois “A extensão nas universidades americanas caracterizou-se, desde seus primórdios, pela idéia de prestação de serviços” (NETO, 2002, p.8).

Já na Europa, o modelo de extensão universitária está ligado aos das Universidades Populares do século XIX, onde a prática está ligada fortemente a educação de adultos com o objetivo de disseminar conteúdos técnicos. Desenvolveu-se então um pensamento de que era necessário fazer chegar até a população o saber da universidade (NETO, 2002, p.8)

A extensão universitária no Brasil surgiu no século XX e assim como o ensino superior em geral, sua origem está ligada a extensão universitária dos Estados Unidos e da Europa. São muitas as atividades extensionistas desenvolvidas no Brasil no século XX. Sousa (2000) acredita que a extensão no Brasil pode ser dividida em três momentos com seus respectivos interlocutores: o início das atividades de extensão no Brasil até o Golpe de 64, com a interlocução do movimento estudantil; do Golpe até a abertura política, com ações advindas do governo; e a abertura política seguindo até os dias atuais, contemplando a participação das Instituições de Ensino Superior (IES).

A primeira referência legal ao conceito de extensão universitária brasileira está no Estatuto das Universidades Brasileiras de Francisco Campos, em 1931. Neste documento a extensão universitária foi concebida como uma elevação educacional, cujo objetivo foi aumentar os benefícios da Universidade, ampliando suas atividades para que, assim, fosse possível elevar o nível cultural da população, a partir da organização de cursos e conferências. Neste contexto, a universidade assumiu o papel de fortificar a relação transformadora entre sociedade e universidade (ROTHEN, 2008, p. 157). Para Fagundes (1986, apud MACHADO, 2009, p. 52) a extensão do Estatuto é “pensada como portadora de soluções para os problemas

sociais e como veículo de ‘idéias e princípios’, pautados nos ‘altos interesses nacionais’, aos quais devem subordinar-se as aspirações e necessidades da sociedade como um todo”.

Nesse contexto, os estudantes brasileiros também entendiam a extensão universitária como uma função social da universidade, assim como foram fortemente influenciados pelas ideias do Manifesto de Córdoba, de 1918, onde o conceito de extensão universitária se desenvolveu a partir da participação da universidade nas lutas sociais, tornando-se um agente de transformação da sociedade. Na Carta de Córdoba a extensão foi concebida como “fortalecimento da função social da universidade, projeção ao povo da cultura universitária e preocupação pelos problemas nacionais” (NETO, 2002, p.9). Neste caso, a extensão seria difusora da cultura e da integração da universidade com a população. “Trata-se de uma concepção que compreende a função da universidade como ‘doadora’ de conhecimento, pretendendo impor uma ‘sapientia’ universitária a ser absorvida pelo povo” (NETO, 2002, p.10).

Até o Golpe de 64, o Movimento Estudantil atuou intensamente em prol da extensão e da reforma universitária, contra a repressão e favorável a uma cultura política nacionalista. Nas discussões da Reforma Universitária, em congressos do Movimento Estudantil, como o da Bahia, em 1961, o papel da universidade se estabeleceu na classe estudantil como o de prestação de serviços para o povo. Os universitários promoveram cursos para que a universidade cumprisse o papel de “trincheira de defesa das reivindicações populares, através da atuação política da classe universitária na defesa de reivindicações operárias, participando de gestão junto aos poderes públicos e possibilitando cobertura aos movimentos de massa” (UNE, 1961, apud NETO, 2002, p.10.) Tocaria então, segundo Neto (2002, p. 10) “à universidade, através da extensão, a conscientização das massas populares, despertando-as para seus direitos”.

Após o Golpe de 1964 o Movimento Estudantil é desestruturado e as atividades de extensão passaram a ser desenvolvidas de acordo com os interesses do Estado. Com a Reforma da Lei Universitária, foi reafirmado o conceito de extensão como prestação de serviço, “uma extensão que leva à comunidade o conhecimento pronto” (MACHADO, 2009, p. 57), pois, em seu artigo 20, a Lei 5.540/68 prevê que “As universidades e os estabelecimentos isolados de ensino superior estenderão à comunidade, sob forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhes são inerentes” (MACHADO, 2009, p. 56). Partindo desse princípio, a extensão distanciou-se do ensino e da pesquisa, podendo ser interpretada como algo secundário. Para Gurgel (1986), a universidade passou a ter um aspecto de empresa onde o seu principal cliente é a comunidade. Freire

(1983) destacou, neste momento, o perigo de que a extensão se convertesse em instrumento de imposição cultural às comunidades de atuação.

Após a abertura política de 1989, Sousa (2000, p. 97) afirma que “a extensão passou a ser buscada além da sua compreensão tradicional de disseminar conhecimentos, prestar serviços ou difundir culturas”, dando novos rumos ao pensar extensão, no qual os docentes passaram a compreender a relação universidade e sociedade vinculada ao ensino e a pesquisa.

Os pensamentos de Paulo Freire, no qual as pessoas são vistas como sujeitos da ação extensionista e não como objeto desta, influenciaram, em 1975, o Plano de Trabalho de Extensão Universitária, divulgado pelo MEC, onde o conceito de extensão foi ampliado e trouxe novas ideias a respeito da compreensão da relação comunidade e universidade, e também sobre os critérios de integração entre ensino, pesquisa e extensão (MACHADO, 2009).

A partir de 1975, o conceito de extensão passou por transições dentro das diferentes fases da educação brasileira. Em 1988, firmou-se pela primeira vez o princípio de indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão previstos na Constituição Brasileira (FORPROEX, 2006, p.23). O conceito de extensão sofreu modificações visíveis na Lei de Diretrizes e Bases de 1996. A reforma no ensino superior a respeito da extensão universitária pode ser identificada em partes do Artigo 43 da LDB nº 9.394/96:

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. (LDB, 2010, p.36)

Nesse contexto, as ideias do Professor Paulo Freire foram perpetuadas nos novos documentos sobre extensão. Seu consentimento de que o “conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julgam não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações” (FREIRE, 1983, p. 22), está presente também nos documentos do Plano Nacional de Extensão de 1987.

Para Freire (1983), a extensão proporciona a interação entre sociedade e universidade, sendo um elemento promotor da troca de saberes popular e acadêmico por meio da relação teoria/prática. Neste sentido, pensa-se no importante papel da sociedade sobre a universidade, não só como objeto das ações extensionistas e sim como parte destas na transformação da

própria universidade, que é visto nas novas linhas de pesquisa, novos cursos e na criação de estágios (FORPROEX, 1999-2000).

Os conceitos de extensão variam também entre profissionais da área tecnológica. Para muitos, a extensão universitária pode ser realizada em um laboratório sendo utilizada como prestação de serviços tecnológicos. Trata-se de uma extensão que fornece a parceria entre universidade e empresas. Nesse contexto, as ações de extensão são caracterizadas em visitas de estudantes e professores a empresas, assim como a visita de técnicos e profissionais dessas empresas à universidade. Dentre essas ações, estão incluídos programas de estágios e cursos de atualização dos professores junto às empresas. Alencar (1986, apud NETO, 2002, p. 2) é um dos autores que acredita que “a extensão universitária apresenta visibilidade quando se formula através de convênios diretos entre universidade e empresa”. Almeida (1992, apud NETO, 2002, p.13) também segue essa linha de pensamento ao afirmar que a extensão universitária possui a “função fim, interligada ao ensino e à pesquisa e voltada para a formação de carreiras tecnológicas, em estreito contato com a sociedade, para servi-la em suas necessidades de progresso e desenvolvimento”.

Nesse debate entre conceitos de extensão, Rocha (1980) é um dos autores que trabalha com as diferentes conceituações denominadas por ele como “equivocadas” da extensão. Para Rocha (1980), se equivocaram os autores que pensaram a extensão como prestação de serviços, estágio e agregação da universidade em programas do governo como forma de estudar a realidade.

Há também autores defensores da extensão a partir da linha de ações que vem sendo realizadas no Brasil. Reis (1994), por exemplo, defende que as ações de extensão universitária se dividem em duas linhas: uma consiste em ações focadas no desenvolvimento de serviços e na promoção da cultura e de eventos; outra em ações que referentes ao processo de ensino dos acadêmicos e na produção de conhecimento e pesquisa da universidade. Essas divisões de ações acabam por refletir na conceituação da própria extensão que, cada vez mais, é entendida como prática, sendo a saída para a interação da universidade e com a sociedade (NETO, 2002).

Outras pesquisas também estão apresentando conceitos de extensão universitária no âmbito de trabalho social. Neto (2002), por exemplo, defende que é a partir do trabalho social que se transforma a natureza e se cria o mundo, de uma forma mais humana. Segundo o autor, a extensão como trabalho social é produtora de cultura e, dessa forma, é “um trabalho que se realiza na realidade objetiva e é exercido por membros da comunidade, universidade - servidores e alunos. Um trabalho de busca do objeto para a pesquisa e para o ensino” (NETO,

2002, p.18), constituindo assim, uma possibilidade de superação da pesquisa e do ensino que são realizados muitas vezes fora da realidade.

Desta forma, os diferentes conceitos formulados e a trajetória da extensão universitária no Brasil, nos mostram que a “sua construção é inacabada, que a extensão sofre modificações de acordo com o momento político, social, econômico e cultural que vive o país e a região de cada Instituição” (MACHADO, 2009, p.46). Muitas vezes, a extensão é sistematizada por meio de regulamentos e normativas oficiais que buscam estimular ações de extensão no meio acadêmico e nas comunidades. No entanto, em muitos casos, tais atos oficiais não levam em conta o que é possível ser feito mediante as realidades das universidades. Nesse sentido, cabe discutir em que medida a extensão pode interferir na sociedade e quando, em sua evolução conceitual, isso foi contemplado, como veremos a seguir.

## **2.2 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PERSPECTIVA DE TRANSFORMAÇÃO**

A concepção de extensão como possibilidade de uma ação transformadora da sociedade foi formulada inicialmente nos movimentos sociais. Tal perspectiva influenciou a elaboração do conceito de extensão pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, criado em 1987. Em sua primeira reunião, o Fórum afirmou a extensão como um processo educativo, articulador do Ensino e Pesquisa, que viabilizava a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. O documento do primeiro Fórum também ressaltou que o meio acadêmico encontrou na comunidade uma oportunidade de praticar seu conhecimento, e desta forma, estudantes e professores retornaram à Universidade com o saber adquirido na cultura popular, que, após reflexão teórica se torna parte do seu conhecimento (NOGUEIRA, 2000).

Esta conceituação se consolidou a partir do momento em que a extensão foi institucionalizada no Brasil, sendo considerada pelo Fórum de 1987, como uma atividade indispensável na rotina universitária e defendida até hoje por diferentes estudiosos como uma função acadêmica da universidade.

O educador Paulo Freire foi um defensor e incentivador da extensão como forma de transformação da sociedade. Em suas obras, o autor trabalhou na mudança do conceito e na forma de fazer extensão rural. Seu enfoque esteve centrado no diálogo entre extensionistas e agricultores com troca de conhecimentos e não apenas transmissão de informações. Suas ideias influenciaram na mudança do conceito de extensão. Expressadas em obras como *Extensão ou Comunicação* (1983), o educador propôs a quebra da extensão verticalizada na

qual o conhecimento é transmitido e não construído, pois assim sendo, o homem acaba se transformado em “coisa”, desconsiderando totalmente o seu poder de transformação do mundo.

A expressão “extensão” na concepção de estender o conhecimento foi negada por Freire (1983). Para o autor, extensão é comunicação. Uma comunicação que acontece de forma horizontal, levando em consideração o conhecimento de todos os sujeitos envolvidos, pois, conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. Desta forma, o autor considerou que o conhecimento é construído por todos os sujeitos da ação, com base na realidade e na interação teoria-prática, pois os sujeitos transformam sua própria realidade.

Thiollent (1998, apud FERREIRA; SILVA; ZANATTA, 2012, p. 55) também acredita que “um espaço para extensão envolve a comunicação e a participação”, para que se pense sobre a força da metodologia participativa, desenvolvendo interação com as comunidades e atuação acadêmica, para que, assim, esta reflita sobre a realidade e compreenda o homem em suas singularidades locais. Neste sentido, Freire (1983), salientou que o extensionista, assim como o educador, deve ser um facilitador no processo de construção do conhecimento, bem como conhecer e respeitar a cultura da população e de cada pessoa em particular. Essa nova concepção buscou superar a dimensão de extensão como prestação de serviços assistencialistas.

Mesmo que muitas vezes se priorize a relação com a comunidade carente, trabalhou-se com uma relação dialógica entre universidade e sociedade. Desta forma, universidade e extensão universitária “deixam de ser redentoras da sociedade e passam a ser instrumento capaz de promover a organização política, social e cultural dos grupos desagregados”. (JEZINE, 2004, p. 3). Trata-se aqui de uma prática em construção, na qual “é preciso ensinar através da socialização dos conhecimentos e é preciso pesquisar com o escopo de buscar os fundamentos das soluções dos problemas da sociedade” (FERREIRA; SILVA; ZANATTA, 2012, p. 55).

Acredita-se, com essas reflexões, na consolidação da interação ensino-pesquisa-extensão para a formação humana e profissional, assim como na relação da universidade com a sociedade, auxiliando na sua função social.

### **3 PROJETOS SOCIAIS E UNIVERSIDADE: A LIGAÇÃO DO MEIO ACADÊMICO COM AS ONGs**

Surgidas como organizações de caráter mundial após a Segunda Guerra e com o objetivo de estabelecer espaços que garantam a paz entre as nações por meio de diálogo e

cooperação econômica, as ONGs passaram por diferentes processos e definições, acompanhando as conjunturas políticas e sociais que aconteceram desde o seu início até os dias atuais. No Brasil, as ONGs têm seu surgimento na Ditadura Militar, pois esse período marcou a dissolução de estruturas, criando um vazio político institucional na esquerda brasileira. Este espaço foi preenchido gradativamente por pequenos grupos, em sua maioria de caráter político-religioso, oriundos das periferias das cidades, atuando de forma parcialmente clandestina (STEIL; CARVALHO, 2001).

Num primeiro momento, esses grupos concentraram suas ações para as reivindicações trabalhistas. Posteriormente, esse foco se diversificou passando a abranger outras questões sociais como as de gênero, etnia, cor e sexo. Os novos movimentos originários dessas novas discussões têm o apoio de partidos de esquerda que não estão exilados, parte das igrejas cristãs e intelectuais da classe média. “Esta associação da intelectualidade com a militância vai se concretizar nos centros de educação e conscientização e nos institutos de estudo e pesquisa que estão na origem das ONGs no país” (STEIL; CARVALHO, 2001, p.41).

Assim, como lembram Fernandes e Landim (1988 apud LANDIM, 2002, p. 17) “o pessoal competente das ONGs tendem a ser resultante do cruzamento de três fontes: universidades, igrejas, partidos e/ou organizações de militância política de esquerda”. Os autores entendem que as universidades promoveram valores de competência nas ONGs, ao mesmo tempo que as ONGs se propuseram ao intenso relacionamento com os outros atores sociais, tornando-se alternativa ao isolamento do meio acadêmico. Já a visão da universidade perante as organizações é ambivalente, pois, por um lado, as ONGs são vistas como parceiras estimulantes e por outro como “práticos de uma ciência de segunda classe” (WANDERLEY, 2002, p. 120).

Dentro do contexto das universidades e dessa visão positiva das ONGs, como parceiras das instituições de ensino superior, pode-se perceber a importância do vínculo universitário com essas organizações que muitas vezes ajudaram a solucionar velhos problemas do meio acadêmico, como o distanciamento da realidade e a difícil integração entre teoria e prática.

Na parte de ensino, as mudanças e inovações na esfera educacional que ocorreram no decorrer dos anos e que ainda seguem acontecendo, possibilitaram o alcance do meio universitário, a “setores amplos da população, em parcerias com o Estado, movimentos, conselhos de representantes, terceiro setor e ONGs educativas” (WANDERLEY, 2002, p. 122). Nesse último caso, a parceria entre as Organizações e universidades tem significado um caminho próspero, pois a colaboração entre ONGs e universidades reforça a integração entre

teoria e prática, colocada nas disciplinas de teoria e método, nas pesquisas, entre outros, colaborando para a aprendizagem dos acadêmicos e professores e também dos participantes de ONGs, sendo todos estimulados por esse convívio.

Tal estímulo refletiu também na área da pesquisa, pois estando docentes e discentes envolvidos direta ou indiretamente com alguma dessas organizações, houve um aumento da produção de conhecimento sobre os assuntos a elas relacionados, no intuito de atender às demandas sociais apresentadas. “Uma olhada nas bibliotecas universitárias traz a descoberta de um número expressivo de trabalhos sobre ONGs que se escudam em pesquisas sobre as atividades atinentes a elas e suas concepções referentes aos mais variados assuntos” (WANDERLEY, 2002, p. 123).

Mesmo com a consolidação das pesquisas que envolveram estudantes e professores em trabalhos relacionados às ONGs, foi no campo da extensão que as colaborações se ampliaram. O grande número de atividades que uma boa parte das universidades realizou e realiza até os dias atuais neste campo, é exemplo de tamanha amplitude. A universidade está presente nas ONGs ora pelo número de professores e alunos, principalmente de mestrando e doutorandos, presentes em cargos diretivos ou em outras partes do voluntariado, ora, mais diretamente, com ações de educação e formação ou nas assessorias que podem ser, segundo Fernandes e Landim (1988, apud LANDIM, 2002, p. 18), “atividades como cursos, seminários, palestras realizadas por agentes das ONGs (e das universidades), junto a públicos diversificados”.

Na perspectiva de extensão como um prolongamento das ações de ensino e pesquisa, esse campo tem representado um lugar especial no que diz respeito a serviços prestados pelas universidades às ONGs.

#### **4 O ENSINO DE JORNALISMO E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

É na sociedade, nas suas diferenças e seus jogos de poder que o jornalista encontra material para a preparação de suas pautas e, posteriormente, para suas matérias e reportagens. Pode-se desta maneira, concluir que a formação deste profissional não deve ser reduzida ao ensino da técnica e ou a pesquisa científica, mas também na formação deste como agente transformador (NEVES; PARZIANELLO, 2004).

Segundo Vicchiatti (2005), na profissão do jornalista, o compromisso primordial é a própria sociedade. Assim, o profissional deve preocupar-se com a ética na avaliação das questões sociais, para que compreenda que é integrante de uma sociedade a qual presta

serviços. “Do contrário, poderá sentir-se acima do bem e do mal, isento de qualquer emoção e de qualquer participação no cotidiano de sua comunidade” (VICCHIATTI, 2005, p. 53).

Kovach e Rosenstiel (2003, apud NEVES; PARZIANELLO, 2004, p.18) acreditam que trabalhos de extensão são exemplos para tornar possível o desenvolvimento crítico do acadêmico de jornalismo, despertando-o para o seu papel na sociedade. Amplia-se assim a compreensão do jornalista, “além de suas funções técnicas e formais, mas tornando-se antes, um comunicador competente para estabelecer e manter uma relação responsável com a sociedade e seus diferentes públicos, aprendendo a tratar com pessoas”.

O reconhecimento da importância da extensão, que é um dos pilares da educação superior no Brasil, é o crescimento significativo nos últimos anos das ações de extensão nos cursos de jornalismo. Segundo a edição de 2004 do “Cadernos de Comunicação da UFSM”, tal desenvolvimento é resultado do grande índice de propostas de atividades extensionistas nos cursos, da qualidade de intervenção do meio acadêmico nas comunidades e, principalmente, do interesse efetivo dos estudantes em participar (DEUS, 2004).

A extensão torna-se então, papel fundamental na formação dos jornalistas, pois, por meio desta, os futuros profissionais estreitam os laços com a comunidade, passando a se sentir parte da realidade das pessoas, e, assim, comprometem-se mais com o cotidiano da sociedade. Desta forma, a extensão tem gerado, segundo Deus (2004, p.11), o que se é esperado no meio acadêmico: “o jornalista cidadão capaz de intervir socialmente sem subordinar as diferentes comunidades aos interesses dos seus conhecimentos teóricos e técnicos ou ao assistencialismo das universidades”.

#### **4.1 ASSESSORIA DE IMPRENSA**

Ao longo dos anos o diálogo com os novos atores sociais, as organizações que se fortaleceram, os comunicadores e a opinião pública em geral, passou a ser fundamental. Chaparro (2010, p. 3) endossa a ideia de que “a questão das relações entre organizações e a imprensa não é nova”, isso se comprova ao retomar o ano de 1906, quando o jornalista americano Ivy Lee percebeu a necessidade dessa atividade especializada, denominada assessoria de imprensa ou de comunicação.

No Brasil, o uso da informação e o estabelecimento de relacionamentos adequados com diferentes públicos passaram a ser vistos como fator fundamental para as organizações brasileiras durante o processo de redemocratização nos anos 80 (DUARTE, 2010). Hoje, mais de um século após a contratação de Ivy Lee como assessor do empresário Rockefeller, nos

Estados Unidos, pode-se afirmar, segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) em seu Manual de Assessoria de Imprensa (2007, p. 6), que “o Brasil é a grande referência como centro produtor do pensamento e das técnicas empregadas pelo jornalista no exercício da assessoria”.

Segundo Duarte (2010), a atividade de Assessoria de Imprensa pode ser conceituada como a gestão do relacionamento de fluxos de informação e imprensa, buscando, essencialmente, atender às demandas por informações relacionadas a uma organização ou fonte em particular. Assim, o serviço de assessoria prestado se concentra, segundo o Manual de Assessoria de Imprensa (2007), no “envio freqüente de informações jornalísticas, dessas organizações, para os veículos de comunicação em geral”. Embora o nome sugira a Assessoria de Imprensa “não está a serviço da imprensa, mas faz o contato a partir da empresa e mantém relação permanente com ela” (CHINEM, 2003, p. 11).

O exercício de Assessoria de Imprensa é realizado no Brasil, principalmente, por profissionais com experiência ou graduados em jornalismo. No entanto, com o crescimento das atividades das assessorias no âmbito da comunicação organizacional, o campo de trabalho de profissionais da comunicação foi ampliado. O jornalista passou a atuar em áreas estratégicas das empresas e tornou-se um gestor de comunicação. Essa atuação privilegiou a integração de outros profissionais da área, como relações públicas e publicidade e propaganda, formando uma equipe multifuncional, também conhecida como assessoria de comunicação (MANUAL DE ASSESSORIA DE IMPRENSA, 2007).

Nessa comunicação integrada ainda perdura-se o modelo em que os profissionais da comunicação dividem-se no comando de suas áreas específicas, como é o caso do jornalista que tem a função de manter um relacionamento diretamente com a imprensa e produzir material noticioso para veículos institucionais.

## **5 ACORDOS METODOLÓGICOS**

Este artigo apresenta um Estudo de Caso do tipo único e incorporado. Segundo Duarte (2009), esse tipo de estudo possibilita a execução de múltiplas análises dentro do mesmo contexto social. A escolha do método deve-se ao fato de que sua abrangência permite fazer a organização dos dados sociais de um fenômeno contemporâneo, buscando regularidades ou padrões de associação. Foram utilizadas técnicas de pesquisa qualitativas e quantitativas. Cabe salientar, que as técnicas quantitativas utilizadas no trabalho serviram para coletar

algumas evidências e características com o objetivo de aprofundar a pesquisa qualitativa (DUARTE, 2009).

Trata-se de um estudo exploratório, na medida em que não tem como objetivo fornecer generalizações e sim, um diagnóstico preliminar sobre a colaboração entre o projeto de extensão Assessoria de Comunicação voltada para Organizações de Direitos dos Animais em Frederico Westphalen e a Associação Melhores Amigos dos Animais.

A primeira etapa do trabalho foi a execução de uma pesquisa bibliográfica, que, segundo Stumpf (2009), destina-se à sistematização da literatura disponível sobre o tema. Tal pesquisa debruçou-se sobre a história do ensino superior no Brasil, a evolução do conceito de extensão universitária no terceiro setor e no ensino de jornalismo, bem como, sobre a assessoria de imprensa. Tais temas foram sumarizados no quadro 1 (ver apêndice A), que versa sobre os diferentes conceitos de extensão universitária estudados para este artigo, e serviram como base teórica para a elaboração dos instrumentos de pesquisa que serão descritos a seguir.

A segunda etapa do trabalho compreendeu uma coleta de documentos e informações sobre os serviços que compreendem a atuação da AMAA e do Projeto de Assessoria de Comunicação voltada para Organizações de Direitos dos Animais em Frederico Westphalen. Nesta etapa, foi possível identificar os dois objetivos principais do projeto de extensão, a saber, promover a visibilidade da ONG e a conscientização social sobre Direitos dos Animais.

Por entender que o projeto está iniciando, este trabalho propôs, como terceira etapa do estudo, um diagnóstico preliminar sobre a visibilidade da ONG nos jornais impressos locais do município de Frederico Westphalen, entre janeiro 2011 até maio de 2012. O período foi selecionado para avaliar o “volume de cobertura” (BUENO, 2009, p. 348), fornecido à AMAA pelos jornais impressos desde quando o projeto de extensão iniciou suas atividades de forma voluntária em 2011 até sua formalização em março de 2012. Tal medida destina-se à contagem de reportagens (BUENO, 2009) sobre a ONG nas edições que compreendem o período de estudo. Apesar da ONG ter outra forma de inserção na mídia impressa, chamada de selos da AMAA, que cobrem o espaço publicitário nos dois jornais analisados, este trabalho optou por não contabilizá-los, haja vista que esta é uma iniciativa das próprias empresas de comunicação e em parceria com a ONG. Além disso, depende do volume de anúncios por edição. Dessa forma, foram consideradas somente as reportagens publicadas.

Essa etapa compreendeu um estudo quantitativo que possibilitou a elaboração de gráficos comparativos sobre a visibilidade da ONG em diferentes jornais impressos do município de Frederico Westphalen, a saber, os jornais impressos O Alto Uruguai e Folha do

Noroeste. Ressalta-se a impossibilidade de incluir o Jornal Frederiquense, em função da não autorização do fornecimento dos arquivos em PDF, das edições estudadas. O formato em PDF foi escolhido por este estudo para estruturar o arquivamento digital das reportagens em suas respectivas páginas. Ainda nesta etapa, como produto final da pesquisa, foi organizado um *clipping* que arquivou as reportagens que citaram a AMAA em seu conteúdo. O *clipping* foi executado no mês de setembro de 2012 e está na forma digital (CD-ROM), em apêndice.

A quarta etapa do trabalho compreendeu o aprofundamento e contextualização das questões acima levantadas a partir de entrevistas em profundidade, do tipo semi-aberta, que, segundo Duarte (2009), tem origem em um roteiro pré-estabelecido e apoiado nas teorias que orientaram a pesquisa. Tal roteiro está disponível no apêndice B. Neste trabalho, tais teorias estão relacionadas, eminentemente, aos conceitos de extensão universitária e suas características (APÊNDICE A), além de esclarecimentos sobre a atividade de cada um dos entrevistados em suas instituições. As entrevistas foram realizadas entre os dias 01 e 3 de outubro. Os entrevistados foram: a) Me. Marcelo Freire Pereira de Souza, professor do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen. O professor Marcelo foi selecionado para o estudo por ser um dos coordenadores do projeto de extensão Assessoria de Comunicação voltada para Organizações de Direitos dos Animais em Frederico Westphalen; b) Liège Copstein, presidente da Associação Melhores Amigos dos Animais; e c) Priscila Maria Krodi dos Santos, associada fundadora da Associação Melhores Amigos dos Animais.

A quinta etapa do trabalho foi composta por uma pesquisa quantitativa do tipo questionário, composto por quinze perguntas estruturadas e duas semi-estruturadas (APÊNDICE C). O questionário tomou como base as teorias sobre o conceito de extensão com o objetivo de avaliar a percepção dos acadêmicos sobre sua atuação no projeto estudado. Tal instrumento de pesquisa foi aplicado entre os dias 01 e 03 de outubro aos doze estudantes dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas da UFSM que estão registrados no projeto de extensão, via Google Docs, disponível pelo link: <https://docs.google.com/spreadsheet/viewform?fromEmail=true&formkey=dDFIUfhKREJhMnlZcWNCdWZGUmpjblE6MQ>. Dez alunos responderam o questionário. O referido questionário tem como objetivo uma sondagem exploratória do fenômeno estudado para complementar as análises qualitativas.

Para a análise dos dados quantitativos foi utilizado o software Microsoft Excel com o intuito de estabelecer uma comparação da inserção da AMAA na mídia impressa e das atividades desenvolvidas pela AMAA no período de 2011 a 2012.

## 6 RESULTADOS

### 6.1 PROJETO DE ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA AMAA

A Assessoria de comunicação voltada para organizações de direitos dos animais em Frederico Westphalen é um projeto de extensão ligado ao Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), *campus* Frederico Westphalen. O projeto busca o estímulo do bem-estar animal e a promoção da divulgação dos direitos dos animais na cidade de Frederico Westphalen, a partir de ações de assessoria de comunicação nas organizações não governamentais ligadas ao tema. Em Frederico especificamente as ações são voltadas a Associação Melhores Amigos dos Animais (AMAA).

A AMAA é uma Organização Não Governamental (ONG) formalizada, sem fins lucrativos, fundada em abril de 2010. É considerada uma entidade civil, de acordo com os artigos 53 a 61 da Lei Federal nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Não há período determinado para a sua atuação e não há limite de associados, bem como a distinção destes por nacionalidade, religião, cor ou credo político. A única restrição, de acordo com o Estatuto Social da AMAA, é a idade mínima de 18 anos por parte dos associados.

Também dentre os associados há a organização entre: Presidente, Vice-Presidente, dois cargos de Secretários, dois Tesoureiros, e três pessoas que participam do Conselho Fiscal. Atualmente a AMAA conta com 60 associados, e 12 voluntários que não possuem ligação formal com a ONG, mas que contribuem diretamente em suas ações. Tanto associados quanto pessoas envolvidas, promovem ações de forma voluntária não sendo estipulados valores para essas contribuições ou pelas doações de animais.

Financeiramente, a ONG se mantém com colaborações monetárias esporádicas, venda de camisetas com sua identidade visual e com vendas no Brechó da AMAA, onde a organização comercializa produtos adquiridos de forma voluntária. Além da realização do Brechó, os voluntários da AMAA reúnem-se uma vez por mês na Câmara de Vereadores, no centro de Frederico Westphalen, a fim de organizar as ações realizadas pela Associação. Além disso, é foco da ONG a adoção de animais domésticos, principalmente cachorros e gatos, que são levados até os voluntários ou encontrados nas ruas da cidade. Outro foco são as campanhas de conscientização da população perante o tema e a castração de animais de rua.

Segundo a entrevistada Priscila Maria Krodi dos Santos, em dois anos de existência, a AMAA já participou da doação de 252 animais, um número expressivo no que diz respeito ao controle de cães e gatos abandonados nas ruas da cidade. Também já foram realizadas 131

castrações, que são custeadas pela Associação a partir de doações ou com o dinheiro arrecadado pela ONG com o Brechó. A partir desse ano, após a solicitação da AMAA pelo Ministério Público através de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), pelo menos 20 animais devem ser castrados por semana, custeados pela Prefeitura de Frederico Westphalen.

No que diz respeito ao projeto de extensão, com o objetivo de promover uma melhor visibilidade da ONG na mídia local, bem como gerar debates sobre o bem-estar dos animais e a conscientização das pessoas perante a problemática por meio de campanhas, o projeto de extensão estudado realiza atividades de forma voluntária desde 2011. O projeto trabalha com essa ligação entre organização e meio acadêmico, estimulando os estudantes na atuação jornalística junto à comunidade local.

Segundo o professor Marcelo Freire Pereira de Souza, durante o ano de 2011, o grupo de extensão era composto por dois professores coordenadores. O professor Marcelo ligado ao curso de relações públicas e outra professora, Dr. Débora Cristina Lopez-Freire, do curso de jornalismo. Além deles, cinco acadêmicos estiveram envolvidos voluntariamente. No ano de 2012, foram promovidas campanhas de conscientização e *releases* foram enviados para a mídia local e regional sobre as ações da ONG.

Em 2012, o projeto ampliou suas atividades e novos acadêmicos passaram a integrar a equipe, que agora conta com 12 estudantes que seguem coordenados pelos dois professores que iniciaram o projeto. As atividades de extensão são acompanhadas por um programa de pesquisa buscando a avaliação das ações desenvolvidas durante o projeto. Os acadêmicos dividem-se em um grupo voltado especificamente para as atividades de assessoria de imprensa, intermediando as ações da AMAA com a mídia local e regional, enquanto outra parcela de acadêmicos fica envolvida na assessoria de comunicação, auxiliando na promoção de campanhas de conscientização, gerenciamento de redes sociais (a ONG possui *twitter*, *facebook*, blog e site) e também trabalha na organização de eventos da AMAA.

O cronograma de 2012 está distribuído em 10 meses e contemplam: Leituras e fichamentos; Assessoria de Imprensa (AI); Reuniões de discussões das ações da AI; Concurso fotográfico; Exposição fotográfica; Campanha de conscientização; Pesquisa interna de satisfação; Pesquisa de Opinião Pública externa; Análise quantitativa e qualitativa das atividades a AI; Redação de artigos com divulgação de resultados parciais ou finais. De março a maio de 2012, o projeto realizou ações de divulgação das castrações por meio da Assessoria de Imprensa. Além disso, foram organizadas as atividades de pesquisa para medir a satisfação do público interno, a captação de dados para o controle estatístico (atividade semanal), uma

exposição de fotos dos animais disponíveis para adoção, uma nova campanha de conscientização além de um concurso fotográfico.

Não é a primeira vez que acontece esse vínculo entre Universidade e ONG. No ano de 2010, logo após a fundação da AMAA, um grupo de acadêmico prestou Assessoria de Imprensa de forma também voluntária para a Associação. O trabalho realizado foi resultado da participação na Disciplina de Graduação “Assessoria de Imprensa” ligada ao Departamento de Comunicação da UFSM *campus* Frederico Westphalen. Dentre as ações do grupo foram criados e-mail, blog institucional e mailing para a ONG.

Atualmente a atuação dos protetores de animais é constante nas redes sociais. O perfil no *facebook* (<http://pt-br.facebook.com/amaa.fredericowestphalen>) já atingiu o limite de 5 mil seguidores e tanto blog (<http://amaa-fw.blogspot.com.br/>) como o novo site (<http://amaafw.com.br/>) seguem sempre atualizados e com significativo número de leitores participantes.

## **6.2 DIAGNÓSTICO DA COLABORAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO DA UFSM COM A AMAA DE FREDERICO WESTPHALEN**

Como foi dito no item anterior, a colaboração da UFSM com a AMAA foi iniciada, mesmo que de forma voluntária, desde o ano de 2010. Acredita-se que essa inserção, mesmo que voluntária, tenha colaborado com o aumento em alguns serviços prestados da ONG e tenham motivado a formalização da colaboração como projeto de extensão em 2012. Essa hipótese motivou este trabalho de pesquisa na execução de um diagnóstico da evolução das atividades executadas pela ONG em 2011 até maio de 2012, bem como, a inserção da ONG nos jornais impressos do município de Frederico Westphalen, como será apresentado a seguir.

### **6.2.1 INSERÇÃO DA AMAA NOS JORNAIS IMPRESSOS DE FREDERICO WESTPHALEN**

Como já mencionado anteriormente, não é a primeira vez que a UFSM e AMAA firmam uma relação de colaboração com o intuito de promover a ONG junto à comunidade. A AMAA já possuía inserção na mídia local, desde o início de seus trabalhos em 2010. Nesse sentido, nos gráficos 1 e 2 (ver apêndice E), fica visível a presença da ONG na mídia impressa no início do período estudado, da mesma forma que é perceptível o aumento do espaço da entidade nos jornais estudados, a partir do trabalho dos integrantes do Projeto de Extensão.

Até julho de 2011 o envolvimento acadêmico com a AMAA ainda estava em fase de desenvolvimento. Neste período foram publicadas 22 reportagens no jornal o Alto Uruguai e sete reportagens no Folha do Noroeste. Em comparação com a segunda metade do ano de 2011, em que acadêmicos e professores passaram a ter um maior envolvimento com a entidade, pode-se perceber que as publicações se mantêm em alta por um período longo nos dois jornais, com a queda dos índices apenas no final do ano, período de férias dos acadêmicos.

Em 2012 os índices de publicação voltam a variar, mas se mantêm na maioria dos meses acima da média do ano anterior. Em fevereiro de 2012, há um caso particular, que, segundo os todos os entrevistados por este artigo, repercutiu muito e garantiu ampla visibilidade para a AMAA, até mesmo no âmbito nacional. Foi o caso de resgate do cachorro Bingo, que se encontrava em condições precárias e em completo abandono no pátio de uma residência particular em Frederico Westphalen. A repercussão do caso foi garantida pelo trabalho do grupo de assessoria de imprensa, dentro do Projeto de extensão estudado. Na visualização dos gráficos, é perceptível este aumento de reportagens sobre a AMAA nesta época.

Desta forma, a partir da análise dos índices nos gráficos e a entrevista com um dos coordenadores do projeto, o professor Marcelo, pode-se concluir que já está sedimentada a relação da assessoria de imprensa do projeto de extensão, da ONG e dos veículos de comunicação da cidade. Todos os entrevistados afirmaram que após os trabalhos realizados por parte do Projeto é perceptível o crescimento da visibilidade da entidade em Frederico Westphalen e região.

Os entrevistados também mencionaram o aumento de doações como ponto positivo desta visibilidade na comunidade. No gráfico 3 (ver apêndice F) é possível perceber que há aumentos significativos na entrada de recursos financeiros em alguns momentos do ano. É o caso dos meses de janeiro e fevereiro de 2011 e 2012, em que o Brechó teve lucro significativo, além do crescimento no número de doações decorrente, principalmente, da repercussão do caso do cachorro Bingo.

No entanto, todos os entrevistados salientaram pontos negativos desta maior visibilidade. Ainda é preciso melhorar a visão da sociedade quanto à função social da ONG, que muitas vezes é confundida com os deveres que o poder público deveria prestar quanto a proteção dos animais, como é o caso do aumento de pedidos de resgates e tratamentos veterinários.

## 6.2.2 EVOLUÇÃO DOS TRABALHOS EXECUTADOS PELA AMAA

Dentre as atividades da Associação Melhores Amigos dos Animais está o incentivo à adoção de animais. Segundo Liège e Priscila, a adoção, juntamente com a castração e a conscientização das pessoas a respeito dos direitos dos animais, é um dos pilares da proteção animal.

No gráfico 4 (ver apêndice F) é possível acompanhar a evolução no número de adoções, a partir de janeiro de 2011 até maio de 2012. No primeiro ano, foram contabilizadas 170 adoções de cães e gatos. O período entre os meses de janeiro e maio concentrou 37% das adoções. Em comparação com os dados levantados em 2012, neste mesmo período, percebe-se o crescimento de 26% nas adoções, pois os índices de 2012 são superiores ao ano anterior nos quatro primeiros meses. Constata-se um destaque nos meses de janeiro e fevereiro de 2012, onde a diferença para 2011 chegou a 11 e 8 adoções, respectivamente. Somente em maio de 2012 percebe-se uma queda nas adoções em relação ao ano anterior que contabilizou uma superioridade de cinco adoções.

Essas oscilações nas adoções podem ser explicadas, segundo Liège e Priscila, pelo fato de que em alguns momentos do ano são encontradas ninhadas ou matilhas (menor frequência). Nesse caso, por serem filhotes, são mais facilmente adotados, pois é preferência das pessoas adotarem filhotes a animais adultos. Desta forma, os picos de crescimento do gráfico de adoções nos meses de janeiro e fevereiro (2011 e 2012) estão relacionados a uma questão biológica do ciclo animal. Segundo as entrevistadas, o verão é uma estação propícia para ninhadas e nos meses de agosto e setembro, inverno, o fenômeno ocorre inversamente proporcional à outra estação. Já o pico de julho de 2011, segundo Priscila, é um caso a parte. Houve, segundo ela, a intervenção particular de uma voluntária que resgatou duas ninhadas para adoção.

Assim, esta é uma ação que varia por diferentes fatores: o clima, o ciclo biológico dos animais, a intervenção dos voluntários, a demanda de animais para serem doados e de pessoas dispostas a adotar. Neste último caso, a intervenção do Projeto de Extensão é fundamental, pois o grupo de assessoria de imprensa possibilita ampla divulgação do trabalho da ONG, fortalecendo, assim, a parceria com a comunidade, refletindo no índice de adoções dos animais.

A castração é outra atividade intermediada pela AMAA junto à comunidade local. Esta ação é também um dos focos da proteção animal, segundo Priscila e Liège, por uma questão lógica: quanto menos os animais se reproduzirem de forma descontrolada, menor será

o índice de animais perdidos nas ruas, assim, menor será o índice de resgates e, conseqüentemente, de adoções. No gráfico 5 (ver apêndice F), é possível visualizar a distribuição do número dessa atividade no período estudado. Neste gráfico pode-se perceber que os índices do início de 2011 e 2012 se equivalem. Em 2011 foram realizadas 109 castrações, e os cinco primeiros meses do ano concentraram 20% deste total, com destaque para o mês de maio, com mais de 70% das castrações deste período. Assim, como no ano anterior, em 2012, entre janeiro e maio, foram realizadas 22 castrações custeadas pela AMAA.

Todas essas castrações auxiliadas e custeadas pela ONG são resultado de uma parceria entre a AMAA e uma clínica veterinária da cidade. Assim, esta é uma ação que acontece de forma esporádica, dependendo, segundo Priscila e Liège, da urgência de cada caso, das condições financeiras da AMAA no momento e, principalmente, da disponibilidade da veterinária. A partir disto, é possível entender porque em alguns momentos do ano há picos no índice de castrações seguidos de rápido declínio. Esse é o caso do período entre julho e dezembro de 2011, onde no primeiro mês há o registro de somente um animal castrado, seguido do mês de agosto com mais 49 castrações. Tal resultado deve-se a uma parceria realizada entre a AMAA e médicos veterinários da região, que neste mês deslocaram-se até Frederico Westphalen para realizar as castrações. Por isso também, se explica a queda permanente do número desta ação até o final de 2011.

Também está entre as atividades realizadas pela ONG o resgate esporádico de animais. Mas esta não é uma prioridade, pois, segundo as entrevistadas, a AMAA não se propõe a resgatar animais, apenas em casos de emergência. Como o intuito da ONG é amparar os animais e conseguir as chamadas “casas de passagem” (casas de famílias que voluntariamente cedem para abrigar temporariamente os animais resgatados), percebe-se, a partir do gráfico 6 (ver apêndice F), que esta é uma atividade menos constante na AMAA. Durante o ano de 2011 foram resgatados 57 animais, índice relativamente menor que o de adoções, por exemplo. Também é perceptível a variação da atividade de um mês para o outro, onde há diferença de até dez animais. Os meses de agosto, setembro e outubro de 2011 são exemplos, pois contabilizam resgates de um, doze e dois animais, respectivamente.

No entanto, apesar de não ser o foco das atividades da ONG, ao comparar os dois anos analisados, percebe-se um crescimento significativo de resgates nos primeiros meses de 2012. Nesse período, o índice total de resgates foi 73% superior ao ano de 2011. Cabe aqui salientar, que como ocorre com as adoções, esta variação de índices de um mês para outro, assim como

de um ano para outro, deve-se muito a casos particulares em que são encontradas principalmente ninhadas, como aconteceu, segundo as entrevistadas, em setembro de 2011.

O número de tratamentos veterinários realizados entre 2011 e 2012, visualiza-se expressiva superioridade desta ação em 2012, como mostra o gráfico 7 (ver apêndice F). Na comparação de um ano para o outro, entre os meses de janeiro e maio, observa-se um crescimento significativo de 112%, ou seja, o resultado anterior foi duplicado neste período. Além disso, este resultado inicial de 2012 é tão expressivo, que o total de 17 tratamentos alcançado em cinco meses deste ano é o mesmo totalizado nos doze meses de 2011. Isto porque esta é uma ação totalmente ligada ao resgate de animais, realizada a partir da parceria estabelecida com a mesma clínica veterinária das castrações. Sendo assim, os tratamentos acontecem de uma forma esporádica e sempre que for um caso de urgência.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo da história da extensão universitária, realizado neste trabalho, ampliou a compreensão de como a extensão universitária é entendida e concebida nos diferentes momentos da história do processo de consolidação do ensino superior brasileiro, e como este tema é tratado por muitos estudiosos, resultando em diferentes percepções conceituais. Desta forma, com a realização de um diagnóstico sobre a colaboração entre projeto de extensão universitária de Assessoria de comunicação voltada para organizações de direitos dos animais em Frederico Westphalen com a Associação Melhores Amigos dos Animais (AMAA), foi possível ampliar a visão da extensão universitária no ensino de jornalismo.

A diversidade de ações de extensão comum em projetos de extensão, marca a diversidade do entendimento do que é a extensão universitária. Partindo das análises qualitativas e quantitativas realizadas, compreende-se melhor que há uma mescla entre conceitos de extensão em diferentes ações deste projeto.

Segundo o coordenador do projeto de extensão, a questão da extensão universitária em si, seus diferentes conceitos e o debate de sua concepção não é trabalhada dentro do projeto. O foco maior está no aprendizado da técnica jornalística e na tríade ensino, pesquisa e extensão, considerada pelo professor Marcelo como um dever da universidade. Esta dinâmica de trabalho com os estudantes está presente nas repostas do questionário fechado aplicado por este estudo sobre a percepção dos estudantes sobre a extensão universitária. Todos os estudantes concordaram com a vinculação da relação universidade-sociedade e reconheceram a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão.

Da mesma forma, é notório, a partir das entrevistas, que há uma percepção geral dos envolvidos (professor e representantes da AMAA) de que a Universidade a partir das ações de Assessoria de Comunicação presta serviços à ONG e à comunidade, conseqüentemente. Mas, esta não seria uma prestação de serviço aos moldes da concepção de extensão do período militar de 1964 (SOUSA, 2000), pois no caso deste Projeto, há muitas ações além da prestação deste serviço especializado. Em entrevista, o coordenador do projeto ressaltou a importância dessas ações para o cumprimento do papel social da universidade e à prática acadêmica dos futuros jornalistas.

Dentre estes aspectos, percebe-se uma mescla dos conceitos de extensão em um só projeto. Mesmo que os acadêmicos não trabalhem a fundo as concepções da extensão universitária, ao serem questionados, expressam essa combinação de pensamentos. Isso se evidencia porque os estudantes afirmam, ao mesmo tempo, haver a prestação de serviços por meio da universidade e também uma percepção de troca de conhecimentos com os participantes da ONG. Da mesma forma, todos os entrevistados afirmaram que existe uma construção conjunta de ações realizadas, partindo da troca de ideias e pensamentos entre todos os participantes.

Desta forma, fica mais clara a visão de que os pensamentos de Freire (1983) também contemplam as ações de extensão deste projeto de extensão estudado, pois, ao mesmo tempo em que acadêmicos e professores afirmam e entendem a transformação na AMAA a partir do seu trabalho, estes retornam ao meio acadêmico com conhecimentos extra universidade, adquiridos junto aos participantes da AMAA. A presidente da ONG, Liège Copstein afirmou que “muitas sementinhas foram plantadas por nós na cabeça desses jovens que fazem parte da universidade, certamente o pensamento deles referente à problemática animal não é mais o mesmo, desde o início dos trabalhos”.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados**, Brasília, 2010. Disponível em: <[http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb\\_5ed.pdf?sequence=1](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 6 ago. 2012.
- BUENO, W. da C. Auditoria de imagem na mídia. In: DUARTE, J. (Org.); BARROS, A. (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 380p.
- CHAPARRO, M. C. Cem anos de Assessoria de Imprensa. In: DUARTE, J. (Org.). **Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a mídia: teoria e técnica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 411p.

CHINEM, R. **Assessoria de imprensa: como fazer**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003. 184p.

DEUS, S. de. Apresentação. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Centro de Ciências Sociais e Humanas. Faculdade de Comunicação Social. **Cadernos de Comunicação, 1996-2004**. Santa Maria, 2004, p. 11-12.

DUARTE, J. (Org.). **Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a mídia: teoria e técnica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 411p.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J. (Org.); BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 380p.

DUARTE, M. Y. M. Estudo de caso. In: DUARTE, J. (Org.); BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 380p.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Manual de Assessoria de Comunicação**. 4. ed. Brasília: [s.n.], 2007.

FERREIRA, M. R.; SILVA, F.; ZANATTA, R. A. F. **Da dialogicidade entre universidade e comunidade: um estudo de caso da extensão universitária a partir do exercício da democracia dialógica na pesquisa-ação**. **Cadernos Gestão Social**, Salvador, n.1, jan/jun 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.adm.ufba.br/index.php/cgs>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Indissociabilidade ensino–pesquisa–extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão**. Porto Alegre : UFRGS ; Brasília : MEC/SESu, 2006.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Grupo de Trabalho (GT). **Avaliação Nacional da Extensão Universitária 1999 – 2000**. [João Pessoa], 2000.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GURGEL, R. M. **Extensão Universitária: Comunicação ou domesticação?** São Paulo: Cortez – autores Associados, Universidade Federal do Ceará, 1986.

JEZINE, E. As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em: <[https://www.ufmg.br/congrent/Gestao/area\\_de\\_gestao.html](https://www.ufmg.br/congrent/Gestao/area_de_gestao.html)>. Acesso em: 15 ago. 2012.

LANDIM, L. Múltiplas identidades das ONGs. In: HADDAD, S. (Org.). **ONGs e Universidades: desafios para a cooperação na América Latina**. São Paulo: Abong, 2002. p. 17-50.

MACHADO, A. **A construção da extensão universitária brasileira, as políticas institucionais e o compromisso social das universidades: um estudo sobre a Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO)**. Maringá: [s.n.], 2009.

NETO, J. F. (Org.) Extensão Universitária. Diálogos Populares. João Pessoa: Ed.Universitária/UFPB, 2002.

NEVES, M.; PARZIANELLO, S. **O papel social dos cursos de Jornalismo:** uma experiência prática. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Centro de Ciências Sociais e Humanas. Faculdade de Comunicação Social. **Cadernos de Comunicação, 1996-2004.** Santa Maria, 2004, p. 18-25.

NOGUEIRA, M. das D. P. (Org.). **Extensão Universitária:** diretrizes conceituais e políticas. Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1987 – 2000. Belo Horizonte: PROEX/UFMG; o Fórum, 2000.

REIS, R. H. dos. **Extensão Universitária:** conceituação e praxis. I Fórum de Extensão do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

ROCHA, R. M. G. As oito teses equivocadas sobre a extensão universitária. In: A universidade e o desenvolvimento regional. Fortaleza: Edições UFC, 1980.

ROTHEN, J. C. A universidade brasileira na Reforma Francisco Campos de 1931. **Editora Autores Associados**, Campinas, n. 17, mai/ago 2008. Disponível em: <[http://www.sbhe.org.br/novo/index.php?arq=arq\\_publicacao&titulo=Linhas+de+Publica%E7%E3o&param=list%3D17&ext=php](http://www.sbhe.org.br/novo/index.php?arq=arq_publicacao&titulo=Linhas+de+Publica%E7%E3o&param=list%3D17&ext=php)>. Acesso em: 10 abril 2012.

SCHIMIDT. B.V (Org.); OLIVEIRA R. de (Org.); ARAGÓN. V.A (Org.). **Entre escombros e alternativas:** ensino superior na América Latina. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

SCHWARTZMAN, S. **Um espaço para a ciência:** a formação da comunidade cinetífica no Brasil. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001.

SOARES, M.S.A (Org.). **A educação superior no Brasil.** Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2002.

SOUSA, A. L. L. **A História da Extensão Universitária.** Campinas: Alínea, 2000.

STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. M. **ONGs no Brasil:** elementos para uma narrativa política. In:\_\_\_\_. **Humanas:** Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. v. 24, n. 1/2. Porto Alegre: IFCH, 2001. cap. 3, p. 36-55.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J. (Org.); BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 380p.

VICCHIATTI, C. A. **Jornalismo:** comunicação, literatura e compromisso social. São Paulo: Paulus, 2005.

WANDERLEY. L. E. W. **ONGs e universidades:** desafios atuais. In: HADDAD, S. (Org.). **ONGs e Universidades:** desafios para a cooperação na América Latina. São Paulo: Abong, 2002. p. 119-142.

**APÊNDICE A – QUADRO SOBRE OS DIFERENTES CONCEITOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

<b>FASES DA EXTENSÃO SOUSA (2000)</b>	<b>DIFERENTES CONCEITOS</b>	<b>AUTOR</b>
Início das atividades de extensão no Brasil até o Golpe Militar de 1964. Interlocação do Movimento Estudantil.	A extensão “é vista como objetivadora do fortalecimento da universidade, pela projeção da cultura universitária ao povo e pela maior preocupação com os problemas nacionais”.	Manifesto de Córdoba 1918. GURGEL (1986)
	Por meio das ações de extensão há um comprometimento da universidade com as classes populares e de trabalhadores.	MACHADO (2009)
	A extensão é entendida na Carta de Córdoba como fortalecimento da função social da universidade, projeção ao povo da cultura universitária e preocupação com os problemas nacionais. É função então da “universidade através da extensão, a conscientização das massas populares, despertando-as para seus direitos”.	NETO (2002)
Do Golpe Militar de 1964 até a abertura política em 1969. Interlocação de ações do governo.	É reafirmado o conceito de extensão como prestação de serviços, delimitado à prática de cursos e conferências.	LDB 1961
	“Uma extensão que leva a comunidade o conhecimento pronto. As universidades e os estabelecimentos isolados de ensino superior estenderão à comunidade, sob forma de cursos e de serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhes são inerentes”.	MACHADO (2009)
De 1989 até os dias atuais. Interlocação das Instituições de Ensino Superior.	A extensão é um processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como conseqüências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e	FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (1987)

	a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social.	
	Conceito de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.	BRASIL. Constituição Brasileira 1988
	Extensão é comunicação. Uma comunicação que acontece de forma horizontal, levando em consideração o conhecimento de todos os sujeitos envolvidos, pois, “conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. As pessoas são vistas como sujeitos da ação extensionista e não como objeto dela. O conhecimento se constituiu nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações.	FREIRE (1985)
	A extensão passou a ser buscada além de sua compreensão tradicional de disseminar conhecimentos, prestar serviços ou difundir cultura. Para o movimento docente a relação universidade e sociedade deve ser vinculada ao ensino e pesquisa.	SOUSA (2000)

Quadro1 - Diferentes conceitos sobre extensão universitária

## **APÊNDICE B – ROTEIRO ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM O COORDENADOR PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA (UFSM)**

### **PERGUNTAS INTRODUTÓRIAS**

- 1) Qual foi a principal motivação para que os alunos tenham se envolvido de forma voluntária com a AMAA?
- 2) Qual a principal motivação para registrar o projeto como extensão? E o que muda na relação com a ONG?
- 3) Qual a principal mudança (de 2011 para 2012) entre os alunos com as atividades propostas?
- 4) Qual a principal colaboração dessas ações na ONG e com a comunidade?
- 5) A que você atribui o sucesso dessa parceria, já que este ano o convênio foi oficializado?

### **PERGUNTAS SOBRE CONCEITOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

- 6) Como é trabalhada a questão da extensão universitária com os acadêmicos?
- 7) Qual a principal colaboração deste contato com a ONG e a comunidade, para o meio acadêmico?
- 8) É possível afirmar que existe apenas uma prestação de serviços por parte da Universidade?
- 9) Acredita que exista uma troca de conhecimentos entre as partes? Em que momentos?
- 10) É possível afirmar, que já ocorreram transformações positivas na ONG e no meio acadêmico, com a realização das atividades de Assessoria de Comunicação? Quais?
- 11) É possível afirmar, que já ocorreram transformações negativas na ONG e no meio acadêmico, com a realização das atividades de Assessoria de Comunicação? Quais?

### **PERGUNTAS TÉCNICAS DE JORNALISMO**

- 12) Qual a relação construída e desejada entre o projeto de extensão, a AMAA e as empresas locais de comunicação?
- 13) Existe um desejo de inserir um agendamento entre AMAA e os veículos de comunicação impressas da cidade? Como pensam que isso poderá ser construído?
- 14) Qual a maior resistência enfrentada?
- 15) Qual é o ritmo de envio de *releases* para os jornais locais?
- 16) Há um controle do que é publicado?
- 17) Há algum jornal local em que o projeto tenha maior contato?

18) Há alguma parceria com o Alto Uruguai, a respeito da publicação de publicações da AMAA no espaço publicitário?

### **PERGUNTAS SOBRE O ESTUDO DE VISIBILIDADE NOS JORNAIS IMPRESSOS**

19) Se compararmos os índices de publicação nos jornais locais, percebemos uma forte variação de picos entre uma empresa e outra. A que se deve este fato?

20) No jornal Folha do Noroeste tanto em Janeiro de 2011 como em 2012 não há publicação da AMAA. A que se deve este fato?

21) No mês de Abril nos dois anos também há uma equivalência nos índices, mas neste caso um pico positivo. A que se trata este fato?

22) Por que em Junho de 2011 as publicações no Folha chegam a zero e voltam a subir até setembro? Quais ações foram promovidas no período que podem ter chamado atenção da empresa de comunicação?

23) No jornal O Alto Uruguai a AMAA possui presença no jornal praticamente o ano inteiro de 2011, com um crescente entre junho e outubro. A que se deve este fato?

24) É possível explicar a elevação da presença da AMAA no AU em 2012?

25) Mesmo com os índices superiores que o ano anterior, nos primeiros meses de 2012 há quedas de publicações nos meses de março e abril, por quê?

26) Há algum cronograma de atividades realizadas?

### **APÊNDICE C – ROTEIRO ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM AS COLABORADORAS DA AMAA**

#### **PERGUNTAS INTRODUTÓRIAS**

1) Como a parceria entre a AMAA e o Projeto de Assessoria de Comunicação da UFSM iniciou?

2) O que a AMAA já incorporou em sua rotina que tenha vindo dessa colaboração?

3) A AMAA consegue identificar alguma mudança/adaptação nas propostas advindas do grupo de comunicação que tenha sido proposta pela própria AMAA?

4) A que você atribui o sucesso dessa parceria, já que este ano o convênio foi oficializado?

#### **PERGUNTAS SOBRE CONCEITOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

5) É possível afirmar que nesta relação entre universidade e ONG há a troca de conhecimentos entre extensionistas e participantes da AMAA? De que forma?

6) A relação da AMAA com o Projeto é baseada no diálogo?

7) Com que frequência a AMAA tem contato com os acadêmicos e professores?

- 8) O projeto de extensão tem influenciado nas escolhas da AMAA? Por exemplo: na campanha a ser divulgada, na exposição na mídia, no evento futuro?
- 9) Como vocês identificam o trabalho do Projeto: uma parceria entre universidade e ONG, na qual ambas aprendem e trocam experiências; ou uma prestação de serviços da universidade para a ONG?
- 10) É possível afirmar, que já ocorreram transformações positivas na ONG e no meio acadêmico, com a realização das atividades de Assessoria de Comunicação? Quais?
- 11) É possível afirmar, que já ocorreram transformações negativas na ONG e no meio acadêmico, com a realização das atividades de Assessoria de Comunicação? Quais?

### **PERGUNTAS AS ATIVIDADES DA AMAA: ADOÇÕES**

- 12) Por que dentre as atividades da AMAA está o incentivo à adoção de animais?
- 13) Como acontece o processo de adoção dos animais na AMAA? Como são recebidos, divulgados e entregues?
- 14) Qual a importância da adoção no processo de conscientização da comunidade sobre a proteção dos animais?
- 15) Há uma inconstância no número de adoções. Por exemplo: existe um alto índice de adoções em Julho de 2011, seguido de uma queda superior a 10 animais em Agosto e Setembro. Por quê?
- 16) O que está sendo pensado para enfrentar essa situação inconstante?
- 17) A que se atribui o crescimento de 26% nas adoções de animais entre Janeiro e Abril de 2012?
- 18) A que se deve a queda do índice em Maio de 2012?
- 19) Como o projeto da UFSM pode colaborar com essa ação da AMAA?

### **PERGUNTAS AS ATIVIDADES DA AMAA: RESGATE DE ANIMAIS**

- 20) Como acontece o processo de resgate dos animais?
- 21) A que se deve o alto índice de resgates em Setembro de 2011?
- 22) Por que em outubro do mesmo ano há uma queda bruta, com diferença em mais de 10 animais?
- 23) Por que os índices de resgates são relativamente menores que as castrações e adoções?
- 24) A que se deve o aumento de resgates nos primeiros meses de 2012?

### **PERGUNTAS AS ATIVIDADES DA AMAA: TRATAMENTOS VETERINÁRIOS**

- 25) Como são os tratamentos veterinários?
- 26) Que estruturas são utilizadas?

- 27) Esta é uma ação que possui maior oscilação no gráfico. A que se deve?
- 28) Por que esta é a ação da ONG de menor índice, tanto em 2011 como em 2012?
- 29) A que se deve o crescimento dos tratamentos veterinários no mês de Março, em 2011 e 2012?
- 30) Em apenas quatro meses, em 2012 foram contabilizados o total de tratamentos realizados durante 2011 inteiro. A que se deve?

#### **PERGUNTAS AS ATIVIDADES DA AMAA: CASTRAÇÕES**

- 31) Como é realizado o processo de castração dos animais (antes e depois do TAC)?
- 32) Por que nos primeiros meses de 2011 o maior número de castrações se concentrou em Maio?
- 33) A que se deve a diferença superior a 40 animais entre os meses de Julho e Agosto de 2011?
- 34) A que se deve a queda regular de 3 meses, após o alto índice de Agosto?
- 35) Por que mesmo com o TAC aprovado para 2012 nos quatro primeiros meses do ano foram castrados apenas 22 animais?
- 36) Há algum motivo para a igualdade de índices de castrações nos primeiros meses de 2011 e 2012?

#### **PERGUNTAS AS ATIVIDADES DA AMAA: DOAÇÕES (EM DINHEIRO)**

- 37) Como é a estrutura financeira da AMAA e quais são os principais meios de doação à comunidade?
- 38) A que se atribui os períodos de aumento significativo de entrada de contribuições financeiras à ONG? Por exemplo: Janeiro e Fevereiro de 2011 e 2012; Abril e Maio de 2012; Julho de 2011.
- 39) Tendo em vista o aumento dos índices em 2011 e 2012, Janeiro e Fevereiro podem ser considerados meses propensos à doação?
- 40) A que se atribui o aumento de contribuições o longo período de entrada de dinheiro entre Abril e Maio de 2012?
- 41) A que se atribui ao longo período de queda financeira entre agosto, setembro e outubro de 2011?

## APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO

### QUESTIONÁRIO SOBRE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Boa noite, eu me chamo Gabriele Ramos Arcy, sou da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen, e estou realizando uma pesquisa a respeito dos conceitos de extensão que podemos visualizar no Projeto de Assessoria de Comunicação da AMAA. Sua participação é muito valiosa para o estudo, pois você é integrante deste grupo de extensão e sua opinião irá colaborar com os resultados finais da minha pesquisa. Suas respostas são confidenciais e não poderão ser identificadas após o preenchimento do questionário. Esta é uma pesquisa acadêmica e não tem fins comerciais.

Obrigada pela colaboração.

\*Obrigatório

**1) Você sente que há um comprometimento da Universidade com a AMAA, por meio do Projeto de Extensão de Assessoria de Comunicação? \***

- Sim
- Não
- Não tenho opinião a respeito

**2) Na sua opinião este projeto de extensão universitária proporciona o fortalecimento da Universidade dentro da comunidade? \***

- Sim
- Não
- Não tenho opinião a respeito

**3) O trabalho dos professores e acadêmicos perante a ONG pode ser considerado uma prestação de serviço? \***

- Sim

- Não
- Não tenho opinião a respeito

**4) Você acredita que esse trabalho de extensão está voltado a proporcionar a prática profissional dos acadêmicos a partir da prestação de serviços para a ONG? \***

- Sim
- Não
- Não tenho opinião a respeito

**5) Na realização das atividades de extensão do projeto em relação a AMAA pode-se afirmar que há apenas a transmissão de informações dos participantes do projeto para os envolvidos na ONG? \***

- Sim
- Não
- Não tenho opinião a respeito

**6) Você concorda que a relação universidade e sociedade deve ser vinculada ao ensino e pesquisa? \***

- Sim
- Não
- Não tenho opinião a respeito

**7) Em sua opinião a extensão universitária, por meio deste projeto pode ser considerada uma via de mão-dupla, onde tanto universidade como comunidade ensinam e aprendem com essa relação? \***

- Sim
- Não
- Não tenho opinião a respeito

**8) Você concorda que o projeto de Assessoria de Comunicação proporciona a troca de saberes com a comunidade? \***

- Sim
- Não
- Não tenho opinião a respeito

**9) Quanto à concepção acadêmica, é possível afirmar que a universidade, por meio deste projeto de extensão encontra na sociedade oportunidade de praticar o conhecimento acadêmico? \***

- Sim
- Não
- Não tenho opinião a respeito

**10) Você acredita que ao retornar à universidade, estudantes e professores trarão um aprendizado, que poderá ser acrescido ao conhecimento acadêmico? \***

- Sim
- Não
- Não tenho opinião a respeito

**11) É possível afirmar que a partir das ações de extensão deste projeto de Assessoria de Comunicação a sociedade também aprende e cresce seu conhecimento? \***

- Sim
- Não

Não tenho opinião a respeito

**Pode-se dizer que o conhecimento é construído por todos os envolvidos nas ações do projeto de extensão (extensionistas e participantes da AMAA), com base na realidade e na interação teoria-prática? \***

- Sim  
 Não  
 Não tenho opinião a respeito

**13) É possível afirmar que nesta relação entre universidade e ONG há a troca de conhecimentos entre extensionistas e participantes da AMAA? \***

- Sim  
 Não  
 Não tenho opinião a respeito

**14) É correto afirmar que a relação entre a AMAA e a universidade está centrada no diálogo entre extensionistas e participantes da ONG? \***

- Sim  
 Não  
 Não tenho opinião a respeito

**15) Você acredita que a extensão universitária, por meio deste projeto, é uma relação transformadora, tanto do meio acadêmico, como da sociedade? \***

- Sim  
 Não  
 Não tenho opinião a respeito

**16) É possível afirmar, que já ocorreram transformações POSITIVAS na ONG e no meio acadêmico, com a realização das atividades de Assessoria de Comunicação? \***

- Sim  
 Não  
 Não tenho opinião a respeito

**Caso sua resposta anterior seja afirmativa. Quais seriam essas transformações POSITIVAS?**

**17) É possível afirmar, que já ocorreram transformações NEGATIVAS na ONG e no meio acadêmico, com a realização das atividades de Assessoria de Comunicação? \***

- Sim  
 Não  
 Não tenho opinião a respeito

**Caso sua resposta anterior seja afirmativa. Quais seriam essas transformações NEGATIVAS?**

Enviar

Tecnologia [Google Docs](#)

[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

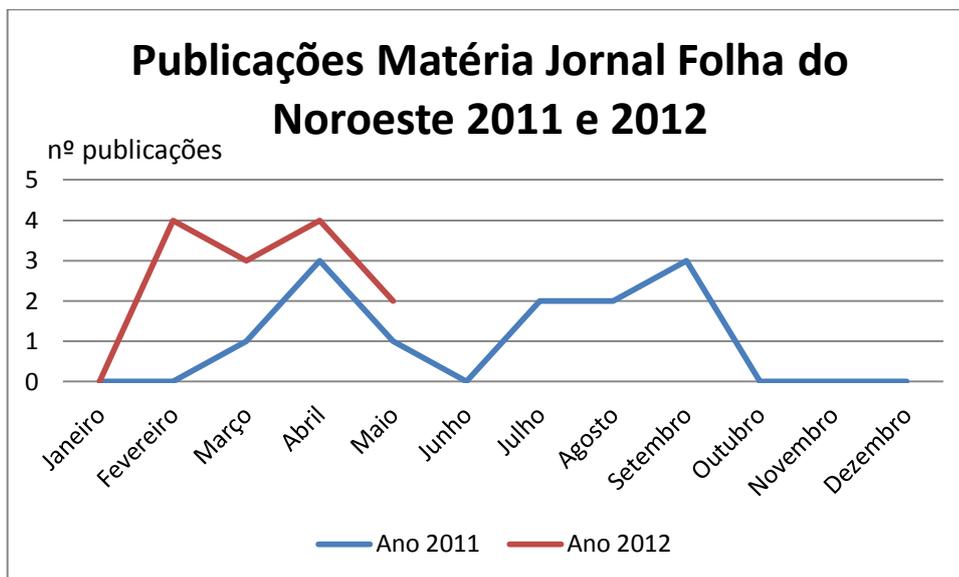
**APÊNDICE E – GRÁFICOS ANÁLISE DAS REPORTAGENS PUBLICADAS I  
AMAA NOS JORNAIS IMPRESSOS (2011-2012)**



\*Em 2012 os dados foram contabilizados até o mês de Maio.

Fonte: o autor

Gráfico 1 – Distribuição das reportagens publicadas sobre a AMAA Jornal O Alto Uruguai (2011 a 2012).

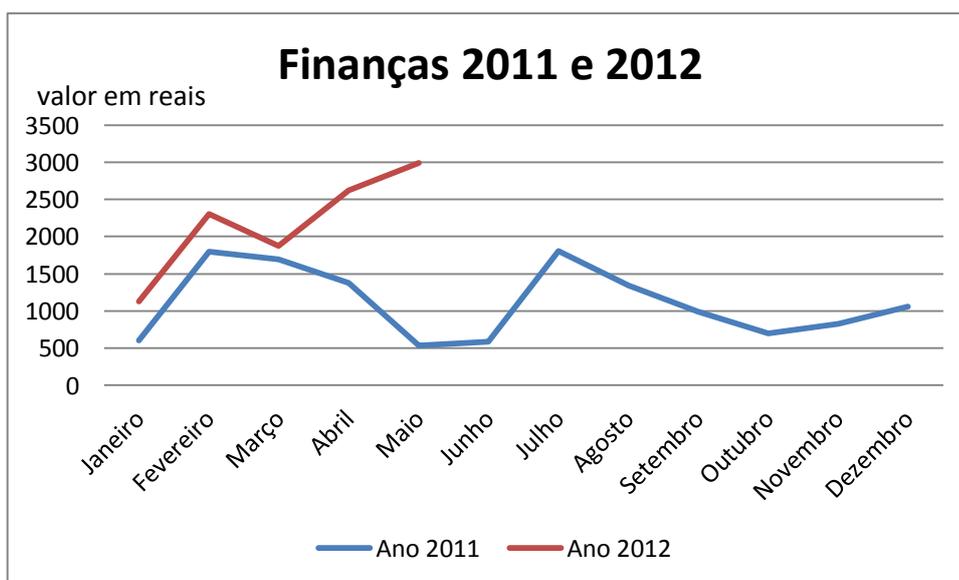


\*Em 2012 os dados foram contabilizados até o mês de Maio.

Fonte: o autor

Gráfico 2– Distribuição das reportagens publicadas sobre a AMAA Jornal Frederiquense (2011 a 2012).

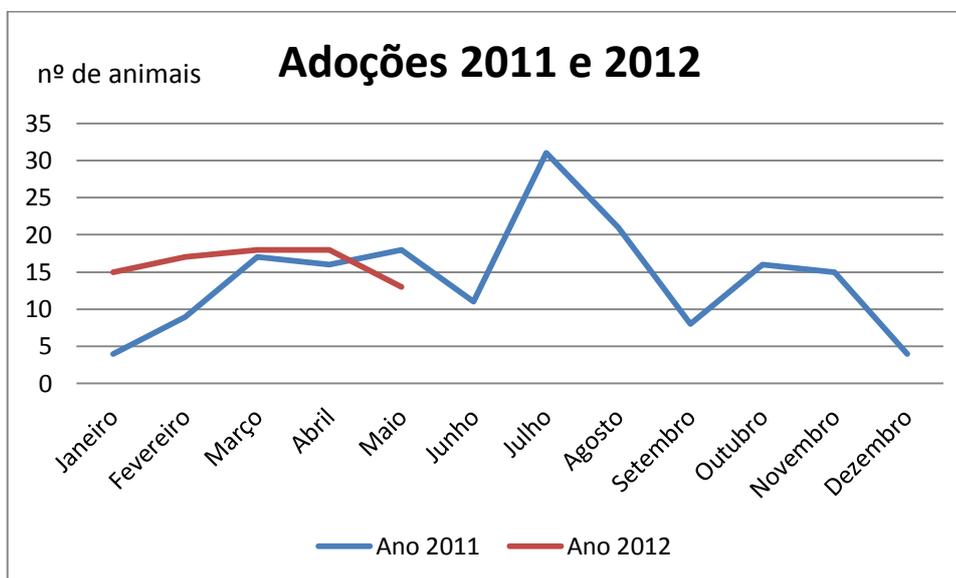
**APÊNDICE F - GRÁFICOS DA ANÁLISE DAS ATIVIDADES DA AMAA (2011-2012)**



\*Em 2012 os dados foram contabilizados até o mês de Maio.

Fonte: o autor

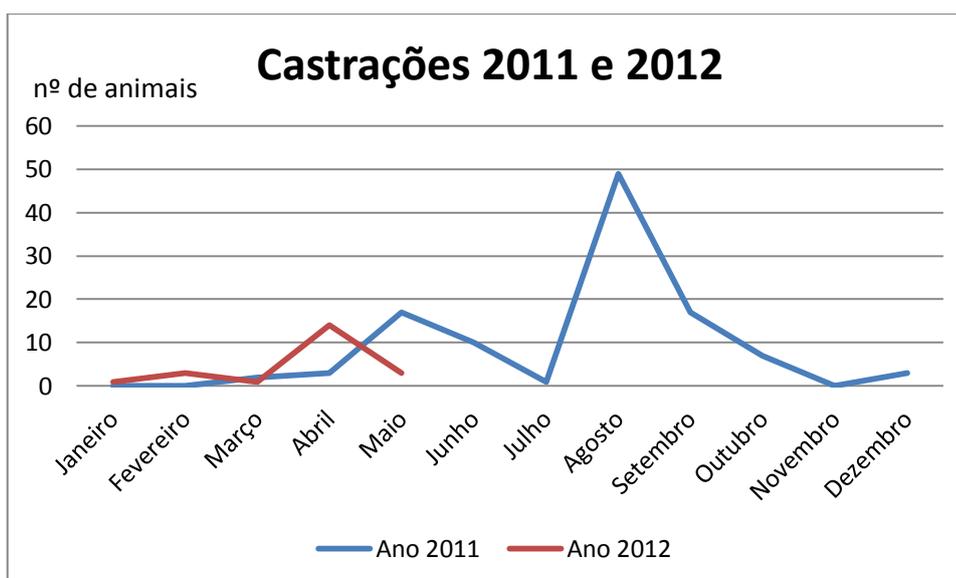
Gráfico 3 – Distribuição da renda financeira da AMAA (2011 a 2012)



\*Em 2012 os dados foram contabilizados até o mês de Maio.

Fonte: o autor

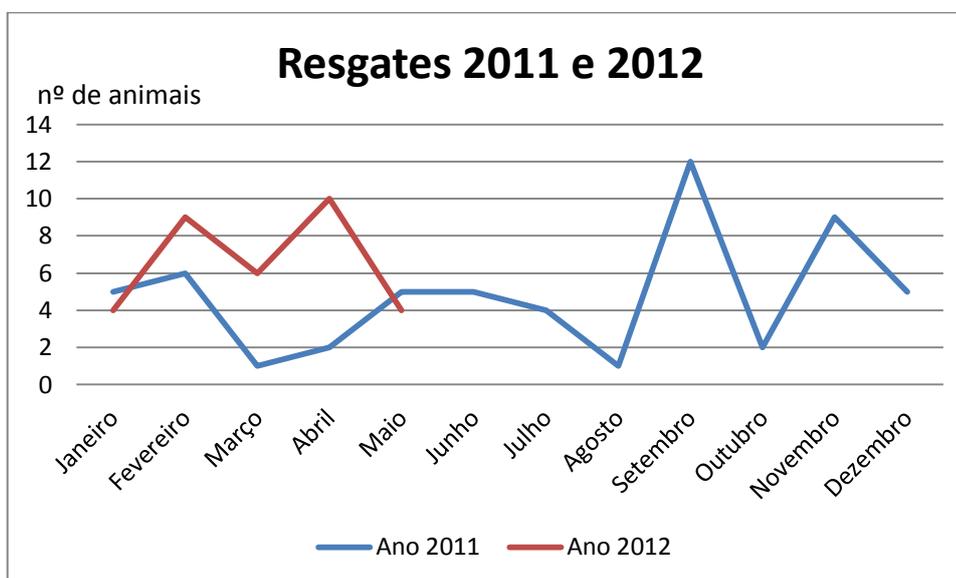
Gráfico 4 – Distribuição do número de adoções intermediadas pela AMAA (2011 a 2012)



\*Em 2012 os dados foram contabilizados até o mês de Maio.

Fonte: o autor

Gráfico 5 – Distribuição do número de castrações realizadas pela AMAA (2011 a 2012)



\*Em 2012 os dados foram contabilizados até o mês de Maio.

Fonte: o autor

Gráfico 6 – Distribuição do número de resgates intermediados pela AMAA (2011 a 2012).



\*Em 2012 os dados foram contabilizados até o mês de Maio.

Fonte: o autor

Gráfico 7 – Distribuição do número de tratamentos veterinários intermediados pela AMAA (2011 a 2012)

